

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

MARIÁ RIBAS ROMANIO

Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo *bullying* pelos
gestores de escolas municipais em Maringá

Maringá
2018

MARIÁ RIBAS ROMANIO

Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo *bullying* pelos
gestores de escolas municipais em Maringá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Saúde do Centro de Ciências da Saúde da
Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.
Área de concentração: Saúde Humana

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Dalva de Barros Carvalho

Maringá
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

R758v Romano, Mariá Ribas
Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo bullying pelos gestores de escolas municipais em Maringá / Mariá Ribas Romano. -- Maringá, 2018.
51 f. : il. color.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Dalva de Barros Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2018.

1. Bullying - Escolas - Maringá (PR). 2. Gestão escolar. 3. Violência escolar. 4. Administração de conflitos - Escolas. 5. Intimidação entre estudantes. I. Carvalho, Maria Dalva de Barros, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. III. Título.

CDD 28.ed. 371.58

Sintique Raquel de C. Eleuterio - CRB 9/1641

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIÁ RIBAS ROMANIO

Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo *bullying* pelos gestores de escolas municipais em Maringá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Dalva de Barros Carvalho
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Marisa Pelloso
Universidade Estadual de Maringá

Prof^ª. Dr^ª. Ieda Harumi Higarashi
Universidade Estadual de Maringá

Aprovada em: 08 de novembro de 2018.

Local de defesa: Sala 01, Bloco 126, campus da Universidade Estadual de Maringá.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes em minha vida: Minha mãe e meu pai pelo exemplo de pessoas que são e por me apoiarem sempre, Meu amor, Marcos, por estar ao meu lado em todos os momentos de minha vida.

AMO MUITO VOCÊS!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu saúde e disposição para a rotina diária e que colocou tantas pessoas maravilhosas ao longo deste caminho.

À minha orientadora, que foi mais do que isso: foi amiga, terapeuta, e mãe em muitos momentos, prazer enorme conhecê-la e maior ainda ser sua orientanda, obrigada pelo tempo e pela paciência. Sou sua fã.

À banca, professora Sandra, pelas sugestões muito valiosas que engrandecem este trabalho. A professora Ieda que leu com tanta atenção e propôs melhorias tão pertinentes. Ao Elias por toda dedicação e tempo dispensado ao trabalho. À Carol, obrigada pelo seu tempo e ajuda com o trabalho, mas principalmente pela amizade. Obrigada também ao professor Luciano, sempre com boas ideias, disposto a engrandecer nossos trabalhos. Ao Olímpio, profissional competente que somente acrescenta ao PCS.

Aos orientadores que participaram da pesquisa e aos profissionais da escola que me receberam com carinho.

Não poderia deixar de agradecer aos meus alunos da Unicesumar, que aceitaram as reposições fora do horário, por essa causa. Aos colegas de trabalho do posto, Hospital Metropolitano, Municipal e Santa Casa que trocaram plantões, chegaram mais cedo e entenderam a importância do mestrado para mim. Aos meus pequenos pacientes e suas mães que foram pacientes e entenderam remarcações de horários.

Aos amigos que fiz no mestrado, ao grupo GETS, e às amigas de fora do mestrado que também apoiam e torcem pelo meu sucesso, esse caminho fica mais leve com vocês.

Aos meus pais, Susana e Claudiney: nada em minha vida seria possível sem vocês, obrigada por sempre torcerem e acreditarem em mim até mais do que eu mesma, e por nunca me deixarem desistir.

Ao meu amor, Marcos, por estar sempre ao meu lado, me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado.

Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

Sonhos determinam o que você quer, a ação determina o que você conquista.

(ALDO NOVAK)

Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo *bullying* pelos gestores de escolas municipais em Maringá

RESUMO

Bullying é um comportamento agressivo, intencional e repetitivo de um indivíduo, ou grupo, contra outro em situações em que existe diferença de poder. A escola é um local propenso para a ocorrência deste tipo de violência. **Objetivo:** Este estudo busca analisar as variáveis envolvidas na administração dos conflitos do tipo *bullying* pelos gestores de escolas de ensino fundamental, de primeira a quinta série. **Método:** Pesquisa de caráter qualitativo, exploratório, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 17 orientadores de escolas municipais, escolhidas aleatoriamente através de mapeamento geográfico realizado usando o programa QGIS. O mapeamento contemplou os diversos setores geográficos do município. As entrevistas foram gravadas mediante consentimento e, após transcrição e conferência pelos entrevistados, foram destruídas. A primeira parte da entrevista consistiu na caracterização sociodemográfica, a segunda abrangeu aspectos relativos ao funcionamento da escola e a terceira consistiu em um roteiro de perguntas específicas em relação ao *bullying*: compreensão do termo, reconhecimento e gerenciamento dos casos. Os dados foram extraídos das falas dos sujeitos por meio de análise de conteúdo associado à rede Bayesiana. **Resultados:** A maioria dos sujeitos eram do gênero feminino, pertenciam à faixa etária de 30 a 50 anos, e eram da religião católica. Quinze sujeitos eram formados em pedagogia, e a maioria deles estava na função de orientador há menos de 3 anos. Todos os entrevistados possuíam pós-graduações sendo a neuropedagogia, a educação especial e gestão escolar as mais prevalentes. Mais da metade das escolas possuíam entre 100 e 500 alunos e ofereciam período integral de ensino e todas mantinham no máximo 35 alunos por sala. Na maioria das escolas, os horários de entrada e saída eram os mesmos para as diferentes faixas etárias, mas com intervalos em separado. A compreensão de *bullying* avaliada através das falas dos sujeitos contendo os termos agressão, repetição e intencionalidade se deu por apenas dois deles que se encontravam na faixa etária de 30 a 50 anos. Tempo de gestão inferior a três anos na escola teve correlação fraca positiva com compreensão, e reconhecimento dos casos de *bullying*; porém, apesar de pouco tempo na gestão da escola, a maioria dos entrevistados apresentava experiência profissional. Em relação ao gerenciamento todos tiveram atitudes semelhantes frente aos casos de *bullying*, abordando as crianças, famílias e envolvendo profissionais e núcleos regionais de apoio. **Conclusão:** a compreensão de *bullying*

se deu por poucos entrevistados, ocorrendo confusão com outros conflitos. Um melhor reconhecimento dos casos ocorre nas escolas com menor número de alunos por sala e por turma. Pós-graduação em gestão escolar, capacitou o profissional para o reconhecimento dos casos, porém não influenciou positivamente na compreensão do conceito. O tempo de gestão escolar teve pouca correlação com compreensão e reconhecimento, pois apesar de pouco tempo na gestão das escolas, os orientadores possuíam anos de experiência como professor. Todos os gestores relataram ações de gerenciamento envolvendo vítimas, agressores, observadores, famílias, outros profissionais. *Bullying* é um problema de saúde pública e mais estudos são necessários para melhorar o diagnóstico e manejo destes casos. A escola e profissionais de saúde devem trabalhar juntos.

Palavras-chave: *Bullying*. Gerenciamento. Intimidação escolar. Violência. Crianças.

Variables involved in the management of bullying by the managers of municipal schools in Maringá

ABSTRACT

Bullying is an aggressive, intentional and repetitive behavior of one individual, or group, against another in situations where there is a difference in power. The school is a prone place for the occurrence of this type of violence. **Objective:** This study aims to analyze the variables involved in the management of conflicts of the bullying type by managers of primary schools, from first to fifth grade. **Method:** Qualitative, exploratory research conducted through semi-structured interviews with 17 municipal school counselors chosen at random through geographic mapping using the QGIS program. The mapping contemplated the various geographical sectors of the municipality. The interviews were recorded with consent and after transcription and conference by the interviewees, were destroyed. The first part of the interview consisted of sociodemographic characterization, the second covered aspects related to the functioning of the school and the third consisted in a script of specific questions regarding *bullying*: comprehension of the term, recognition and management of the cases. Data were obtained through the subjects' speeches through content analysis associated with the Bayesian network. **Results:** The majority of the subjects were female, belonged to the age group of 30 to 50 years, and were of the Catholic religion. Fifteen subjects were trained in pedagogy, and most of them were in the role of advisor for less than 3 years. All the interviewees had postgraduates being neuropedagogy, special education and school management the most prevalent. More than half of the schools had between 100 and 500 students and offered full-time teaching and all of them held a maximum of 35 students per classroom. In most schools, entrance and exit times were the same for different age groups, but with separate intervals. The comprehension of bullying assessed by the words of the subjects containing the terms aggression, repetition and intentionality occurred for only two of them who were in the age group of 30 to 50 years. Management time of less than three years at school had a weak positive correlation with comprehension and recognition of bullying cases; however, despite a short time in school management, most of the interviewees presented professional experience as a teacher for more than 20 years. Having done graduate school had a positive influence on recognition, and negative on understanding of bullying. The higher the number of students per smaller room was the recognition of bullying cases. Finally, in relation to the control of all the most serious

attitudes in the cases of bullying, approaching the children, the women and the contact professionals and the regional nuclei of support. **Conclusion:** the understanding of bullying was given by some interviewees, and confusion with other conflicts occurred. The chance of obtaining a greater number of students in schools with lower number of students per room and per class. Post-graduation in School management, professional qualification for the reception of cases, but did not influence positively in the understanding of the concept. School management time may have a bit of knowledge and understanding as it may be a bit more disciplined than a teacher's experience as a teacher. All the managers reported the actions of aid to the children, aggressors, observers, families, other professionals. Bullying is a public health problem and more jobs are needed to make the diagnosis and cases, and a school and health work must be together.

Keywords: Bullying. School bullying. Violence. Children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Conjunto de dados.....	24
Quadro 1	Conjunto de dados.....	34
Figura 1	Subcategorização da compreensão do <i>bullying</i>	36
Figura 2	Nuvem de palavras: reconhecimento do <i>bullying</i>	36
Quadro 2	Resultado do processo de <i>bootstrap</i> para compreensão de <i>bullying</i>	37
Quadro 3	Resultado do processo de <i>bootstrap</i> para reconhecimento de <i>bullying</i>	37
Figura 3	Rede Bayesiana representando o relacionamento causal para compreensão de <i>bullying</i>	38
Figura 4	Rede Bayesiana representando reconhecimento de <i>bullying</i>	38
Figura 5	Subcategorização do Gerenciamento dos conflitos tipo <i>bullying</i>	39

Dissertação elaborada e formatada conforme as
normas da ABNT (Capítulo I) e da publicação
científicas (Capítulo II): Jornal de Pediatria (artigo)
disponível em: <<http://www.jpmed.elsevier.es>>

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I	13
1.1	Introdução	13
1.2	Revisão de literatura	14
1.2.1	Sujeitos envolvidos em casos de <i>bullying</i>	17
1.2.2	Consequências	18
1.2.3	Gerenciamento do <i>bullying</i>	19
1.3	Justificativa	20
1.4	Objetivos	21
1.4.1	Geral	21
1.4.2	Específicos	21
1.5	Material e métodos	21
1.5.1	Considerações éticas	24
1.6	Referências	24
2	CAPÍTULO II	30
2.1	Artigo: Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo <i>bullying</i> pelos gestores de escolas municipais em Maringá	31
3	CAPÍTULO III	46
3.1	Conclusões	46
3.2	Perspectivas futuras	46
3.4	Apêndice A – Roteiro da entrevista	47
3.5	Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido	49

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O *bullying* tem sido examinado e explicado tanto em termos individuais quanto contextuais, por diferentes teorias. Um número crescente de pesquisadores aborda o *bullying* como um fenômeno complexo sob perspectivas psicológicas e sociológicas. Isso o torna um comportamento difícil de definir (THORNBERG, 2015).

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU) em (2016), o Brasil apresentou taxa de 43% de ocorrência de *bullying*, entre crianças e jovens. Argentina (47,8%), Chile (33,2%), Uruguai (36,7%) e Colômbia (43,5%). Países “desenvolvidos” também apresentam percentuais elevados como a Alemanha (35,7%), Noruega (40,4%) e Espanha (39,8%).

Nos Estados Unidos, pesquisa realizada por Eaton e colaboradores (2012) com estudantes do ensino médio evidenciou que aproximadamente 20% dos estudantes relataram ter sido intimidados na escola durante os últimos 12 meses.

Aproximadamente 20-25% dos jovens estão diretamente envolvidos com *bullying* como vítimas, observadores ou ambos (JUVONEN; GRAHAM, 2014).

Uma meta-análise sobre a prevalência de *bullying* e *cyberbullying* entre jovens de 12 a 18 anos mostrou taxas de 35 % de *bullying* tradicional e 15% de *cyberbullying* (MODECKI *et al.*, 2014).

Apesar da escola ser um ponto de referência, um local onde as crianças fazem amigos, segundo estudo de Oliveira e colaboradores (2016) fatos relacionados a algum tipo de violência entre eles têm sido relatados com frequência. Por esse motivo, a escola é o ambiente mais estudado pelas pesquisas (FOODY *et al.*, 2018).

Para Menesini e Salmivalli (2017) *bullying* é a forma mais comum de violência no contexto escolar. As escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos, possivelmente desconhecem o problema ou negam seu enfrentamento (SCHULTZ *et al.*, 2012).

Uma meta-análise recente sobre *bullying* na Irlanda encontrou prevalência de 22,4% de *bullying* na escola primária (faixa etária de 4 a 13 anos), e 11,8% na escola pós-primária onde estudam alunos de 12 até 18 anos (FOODY *et al.*, 2018).

O pico de ocorrência de *bullying* ocorre no ensino fundamental (12-15 anos) e tende a diminuir no final do ensino médio (HYMEL; SWEARER, 2015)

Aproximadamente um em cada dez estudantes brasileiros é vítima frequente de *bullying* nas escolas. Estudo realizado com base na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)

realizada em 2012, mostrou prevalência de *bullying* em 7,2% dos estudantes do 9º ano (MALTA *et al.*, 2014). Em pesquisa realizada pelo Observatório Internacional sobre Violência nas Escolas, que englobou 12.326 jovens de 9 a 11 anos, verificou-se que 32% relataram ser vítimas de *bullying* verbal e 35% apontaram ter sido vítimas de violência física (DEBARBIEUX, 2011).

Segundo levantamento da Secretaria de Educação, divulgado pelo Jornal A Folha de S. Paulo (ESCOLAS..., 2018), os casos de *bullying* em São Paulo aumentaram 17% em 2017, totalizando quase 3 casos por dia letivo na rede estadual.

Oliveira e colaboradores (2016) encontraram em sua pesquisa predomínio de *bullying* em estudantes do gênero masculino de escolas privadas. Os locais ou situações mais propensas a ocorrência são intervalos, vestiários e banheiros, corredores e locais de fácil acesso para os alunos, porém raramente frequentado pelos professores (MAJCHEROVÁ; HAJDUOVÁ; ANDREJKOVIČ, 2014).

Pesquisa da ONU (2016) sobre a vivência de *bullying*, com a participação de 100.000 jovens em 18 países constatou que, entre aqueles que tinham sofrido *bullying*, 25% relataram que tinham sido vítimas por causa de sua aparência física, 25% por causa de seu gênero ou orientação sexual e 25% por causa de sua etnia ou nacionalidade.

Um fator importante na condução dos casos de *bullying*, buscando evidenciá-los e resolvê-los é a gestão pelos responsáveis da escola. Torna-se necessário reconhecer a maneira como os casos estão sendo identificados e conduzidos pelos gestores visando minimizá-los.

Na literatura há vários trabalhos que focam na caracterização dos casos de *bullying* na escola (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009), no conhecimento dos professores sobre o tema (SILVA; ROSA, 2013), na ocorrência de suicídio entre vítimas de *bullying*, (KLOMEK *et al.*, 2016), no *cyberbullying* (MODECKI *et al.*, 2014), e nos observadores dos casos de *bullying* (RIVERS; NORET, 2013). Cabezas Pizarro e Monge Rodríguez (2013) apontam a faixa etária de alunos de quinta a oitava série como sendo aquela na qual mais incidentes de *bullying* ocorrem. Até onde se sabe, não foram encontrados trabalhos que abordassem os gestores de escolas, as variáveis envolvidas na identificação e administração dos casos de *bullying*, assim como voltada à faixa etária de alunos de primeira à quinta série do ensino fundamental.

REVISÃO DE LITERATURA

A definição modal de *bullying* foi desenvolvida pelo Dr. Daniel Olweus: “comportamento agressivo, intencional, prejudicial, realizado repetidamente ao longo do tempo

em um relacionamento interpessoal, caracterizado por desequilíbrio de poder”. Esta definição destaca três características principais: agressão intencional, repetição e um desequilíbrio de poder (OLWEUS, 2013).

Simplificando, *bullying* é um comportamento agressivo, intencional de um indivíduo ou grupo contra outro em situações em que existe diferença de poder (RETTEW; PAWLOWSKI, 2016). Caracteriza-se pelo uso intencional de agressão física, verbal e/ou social contra os colegas, causando danos físicos, psicológicos, sociais ou educacionais (ESPELAGE, 2016).

A fim de uniformizar a definição, o *Centers of Disease Control and Prevention* (CDC) definiu *bullying* entre jovens como “qualquer comportamento agressivo, indesejado por outro jovem ou grupo de jovens que não sejam irmãos ou namorados, que envolva um desequilíbrio de poder observado ou percebido, que se repete várias vezes ou que seja altamente provável que seja repetido” (GLADDEN *et al.*, 2014).

Gladden e colaboradores (2014) propõem modos de *bullying* entre os jovens:

1) Direto: comportamento agressivo (s) que ocorre na presença da vítima. Exemplos de agressão direta incluem, mas não se limitam a, agressão física como empurrar a vítima, agressão verbal, ou escrita.

2) Indireto: comportamento (s) agressivo (s) não diretamente aplicados à vítima. Exemplos de agressão indireta incluem, mas não se limitam a, espalhar rumores falsos e / ou nocivos ou comunicar rumores prejudiciais eletronicamente.

O mesmo autor também propõe tipos de *bullying* entre os jovens:

1) Físico: o uso de força física pelo agressor contra a vítima. Exemplos incluem, mas não se limitam a, comportamentos como bater, chutar, esmurrar, cuspir, tropeçar e empurrar.

2) Verbal: comunicação oral ou escrita do agressor contra a vítima que lhe causa danos. Os exemplos incluem, mas não se limitam a insultos, chamando-os de nomes, notas ou gestos ameaçadores ou ofensivos, comentários sexuais impróprios ou ameaças verbais.

3) Relacional: comportamentos de um agressor projetados para prejudicar a reputação e os relacionamentos das vítimas. O *bullying* relacional direto inclui, mas não se limita a, esforços para isolar as vítimas, impedindo-as de interagir com seus colegas ou ignorá-los. O *bullying* relacional indireto inclui, mas não se limita a, espalhar rumores falsos e / ou prejudiciais, escrever publicamente comentários depreciativos ou postar imagens embaraçosas em um espaço físico ou eletrônico sem a permissão ou conhecimento da vítima.

4) Danos à propriedade: roubo, alteração ou dano da propriedade da vítima pelo agressor para causar dano. Esses comportamentos podem incluir, entre outros, a propriedade pessoal de

um jovem e a recusa em devolvê-lo, destruindo a propriedade de um jovem na presença dele ou a exclusão de informações eletrônicas pessoais.

Segundo Boel-Studt e Renner (2013), meninos são mais propensos a sofrerem *bullying* na forma de violência física, enquanto meninas mais propensas a sofrerem *bullying* relacional ou verbal.

Os episódios de *bullying* geralmente ocorrem face a face porém têm ocorrido também em meios virtuais estimulados pela crescente interação entre usuários e redes sociais (SLONJE; SMITH, 2008). Estes fatos podem ser identificados usando a definição geral de *bullying* (GLADDEN *et al.*, 2014).

O *cyberbullying*, envolve o uso de meios eletrônicos com a intenção de causar danos, humilhação, sofrimento, medo e desespero para o indivíduo que é alvo de agressão. Essas ações podem ser realizadas via e-mail, salas de bate-papo, cabines de votação online, telefones celulares e mensagens instantâneas (BOTTINO *et al.*, 2015; SMITH *et al.*, 2008).

Nocentini e colaboradores (2010) classificaram o *cyberbullying* de acordo com a natureza dos ataques em: (1) escritos ou verbais, que incluem telefonemas, mensagens de texto e e-mails; (2) visual, que envolve o envio de imagens embaraçosas; (3) representação, que se refere a ataques mais sofisticados, consiste em usar ou roubar a identidade de alguém para revelar informações pessoais, usando sua conta e; (4) exclusão, que consiste em excluir deliberadamente alguém que é membro do grupo online.

Estudos sugerem que 20-40% dos adolescentes terão pelo menos uma experiência de *cyberbullying* durante a adolescência, e que o número de *cybervictims* está aumentando (TOKUNAGA, 2010).

Embora existam semelhanças entre o *cyberbullying* e outros tipos de *bullying* algumas características tornam o *cyberbullying* distinto: sua rápida velocidade de dispersão e também pelas mensagens degradantes atingirem rapidamente não apenas o alvo, mas também um grande número de outros indivíduos (JUVONEN; GRAHAM, 2014).

Outra característica associada ao *cyberbullying* é o anonimato. Quando nomes de tela (que podem ser facilmente criados e alterados) são usados para enviar mensagens instantâneas ou para participar de discussões em salas de bate-papo, a identidade do autor pode ser facilmente ocultada. Esse sentimento de anonimato, combinado com monitoramento limitado torna fácil enviar uma mensagem hostil ou publicar fotos embaraçosas de alguém (SLONJE *et al.*, 2013).

Como a falta de pistas sociais na comunicação online encoraja uma maior auto-revelação o ciberespaço torna-se um ambiente fértil para o *bullying* (JUVONEN; GRAHAM, 2014).

SUJEITOS ENVOLVIDOS EM CASOS DE *BULLYING*

O *bullying* ocorre em um contexto social amplo e é importante considerar além da vítima e do agressor o papel de outros indivíduos não diretamente envolvidos como os espectadores (WOOD *et al.*, 2017).

Berkowitz (2014) afirma que as vítimas típicas costumam ser passivas, ansiosas e pouco “populares”, não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra eles.

Vitimização está associada a problemas psicológicos como depressão, ansiedade e baixa auto-estima. Também está associada a dificuldades interpessoais como rejeição pelos colegas, baixa aceitação no grupo, ter poucos ou não ter amigos (COOK *et al.*, 2010).

Crianças inseguras, submissas e rejeitadas pelos colegas são alvos fáceis para os agressores que ao escolhê-las afirmam seu poder para o resto do grupo (MENESINI; SALMIVALLI, 2017).

De acordo com Silva (2015) há também as vítimas agressoras, que reproduzem os maus tratos sofridos, procurando outra vítima para descontar as agressões sofridas. São altamente rejeitados pelos colegas e geralmente vêm de ambientes domésticos caracterizados por maus-tratos e negligência (COOK *et al.*, 2010).

Os agressores ou *bullies* são aqueles que vitimizam os mais frágeis, conseguem aquilo que desejam através de ameaças; são impulsivos e com baixa perseverança, apresentando dificuldade de lidar com a frustração (SILVA, 2015). Estudos sugerem que o narcisismo ou um senso de grandiosidade, bem como traços emocionais insensíveis estão associados ao *bullying*. Os agressores geralmente são vistos como populares, poderosos e "legais" pelo seu grupo (REIJNTJES *et al.*, 2016).

Os espectadores são aqueles que não sofrem, nem praticam o *bullying* e podem defender as vítimas, ignorar o fato, reforçar o fato através de risadas ou se juntar ao episódio de *bullying* (WOOD *et al.*, 2017). Para Menesini e Salmivalli (2017) as respostas dos espectadores são cruciais para inibir ou alimentar o *bullying*, sendo a mobilização destes, ou o seu silêncio, decisivo para o sucesso das ações *anti-bullying*.

Há alguns perfis de pessoas mais suscetíveis a sofrerem *bullying* como os obesos (JUVONEN; GRAHAM, 2014). Alunos da raça negra foram os que mais referiram não terem sido bem tratados no último mês, e foram também os que mais praticaram *bullying*, conforme evidenciado no estudo PeNSE (MALTA *et al.*, 2014).

Estudantes do grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) também estão mais propensos a sofrer *bullying*. Pesquisa realizada evidenciou que 34,2% dos jovens deste grupo referiram terem sido vítimas de *bullying* contra 18,8 % do grupo não LGBT (KOSCIW *et al.*, 2016). Este estudo envolvendo mais de 7000 estudantes entre 13 e 21 anos, mostrou que 9 a cada 10 estudantes do grupo LGBT tiveram experiências envolvendo violência na escola.

CONSEQUÊNCIAS

Bullying traz consequências tanto para vítimas, quanto para os agressores e também impacta negativamente os observadores (WOLKE; LEREYA, 2015).

O clima escolar, o processo de ensino-aprendizagem, a saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes em idade escolar, também são afetados pelo *bullying* que o torna um problema de saúde pública (JONES *et al.*, 2012; RECH *et al.*, 2013).

O *bullying* pode causar danos ou angústia aos sujeitos incluindo danos físicos, psicológicos, sociais ou educacionais (GLADDEN *et al.*, 2014).

Oliveira e colaboradores (2016), observaram que os agressores relataram mais insônia, solidão e não ter amigos. Também apresentaram comportamentos de risco para a saúde como consumo de tabaco, álcool e outras drogas e relação sexual precoce.

Pham e colaboradores (2017) mostraram que vítimas de *bullying* são mais propensas a carregarem armas na escola, aumentando a chance de agressões com uso destas. Estes comportamentos desajustados, indisciplinados e a violência são uma realidade preocupante nas nossas escolas, pelas sequelas imediatas e futuras que pode provocar (SILVA *et al.*, 2017).

Para Rivers e Noret (2013) as taxas de ideação suicida são maiores em jovens que sofrem agressão e discriminação na escola. Não somente vítimas estão expostas às consequências do *bullying*, os observadores desamparados também apresentam maior taxa de ideação suicida.

O estudo de Feng e colaboradores (2016), mostrou relação entre ideação suicida e fatores psicossociais como depressão, ansiedade, auto-estima e relacionamento familiar e experiência com *bullying*. Também verificaram associação significativa entre ser vítima de *bullying* ou *cyberbullying* e ter ideação suicida.

A cada 40 segundos uma pessoa se suicida no planeta. O suicídio é a segunda maior causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade (NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2018). No Canadá suicídio é a segunda causa de morte em jovens e adolescentes segundo estudo de Värnik (2012).

No Brasil, são registrados 31 casos por dia. Os números na faixa etária pediátrica, também são alarmantes, tendo aumentado 65% de 2000 a 2015 segundo dados da Organização Mundial da Saúde (NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2018).

Dados da pesquisa de Ford e colaboradores (2017) envolvendo 3537 adolescentes australianos de 14 e 15 anos, demonstrou que envolvimento em *bullying*, na posição de vítima, agressor ou ambos, está associado prejuízo na saúde mental e elevado risco de suicídio.

GERENCIAMENTO DO *BULLYING*

A escola é um local de alta ocorrência de *bullying* em crianças. Portanto, não é surpreendente que a responsabilidade de lidar com este conflito seja geralmente atribuída aos educadores e diretores (FOODY *et al.*, 2018).

Muitos governos internacionais produziram legislação e recomendações sobre o papel das escolas na prevenção e intervenções do *bullying* (FOODY *et al.*, 2018). Há vários programas para prevenção de *bullying* na escola que são bem-sucedidos (MENESINI; SALMIVALLI, 2017).

Por exemplo na Irlanda, os diretores escolares receberam ordens para abordar o *bullying* através dos Procedimentos *Antibullying* para Escolas Primárias e Pós-Primárias (2013) que estabeleceram procedimentos obrigatórios (por exemplo, a inclusão de uma política anti-*bullying*) ao lidar com estes conflitos (FOODY *et al.*, 2018).

Já a Finlândia, que desenvolveu o programa KiVa (quer dizer "contra o *bullying*" em finlandês) que conta com o aumento da conscientização, empatia e autoeficácia dos espectadores para apoiar as vítimas, ao invés de reforçar o comportamento dos agressores (KÄRNÄ *et al.*, 2011).

No Brasil, foi criada a Lei nº 13.185/15 que se propõe a combater o *bullying*, e que em seu artigo 5º manifesta que é dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (JOTZ, 2016).

Um fator importante para redução dos casos de *bullying* nas escolas é o gerenciamento dos casos pelos professores (BURGER *et al.*, 2015). Os estudos de Casas e colaboradores

(2015) observaram que um bom manejo dos casos de *bullying* pelos professores está relacionado a menores níveis de agressão.

As taxas de *bullying* nas escolas e salas de aula variam muito e parece ocorrer devido ao número de alunos em sala, dinâmica dos grupos e características do professor (MENESINI; SALMIVALI, 2017).

A hierarquia na sala de aula está associada a comportamento de *bullying*. Maiores taxas são observadas em salas com grande hierarquia onde a popularidade e poder estão centrados nas mãos de poucas pessoas (MENESINI; SALMIVALI, 2017).

As normas em sala de aula refletem o comportamento dos observadores dos casos de *bullying*. Como as reações dos colegas nestas situações, dão um feedback aos agressores, elas têm implicações no surgimento e manutenção dos casos. Ocorre maior propagação de *bullying* nas salas onde é comum reforçar o comportamento dos agressores e raro defender as vítimas (SALMIVALI *et al.*, 2011).

As percepções dos alunos quanto às relações às atitudes dos educadores em relação ao *bullying* também estão associadas com o nível de problemas de *bullying*. Atitudes que desaprovam *bullying* reduziram a ocorrência deste tipo de violência. Essa é uma forte evidência da importância de os educadores comunicarem sua desaprovação ao *bullying* aos alunos. (SAARENTO *et al.*, 2015).

Para Silva e Costa (2014) deve haver uma parceria entre escola, família e setores da sociedade a fim de reduzir a violência no dia a dia; através das campanhas *anti-bullying*. Estes autores também sugerem a presença de um psicopedagogo para abordagem das crianças, famílias, e escola, sensibilizando-os sobre a importância de sua conduta.

Diante desta questão de saúde pública, o pediatra também tem seu papel. Para Earnshaw e colegas (2017) os pediatras devem orientar os pais e filhos sobre reconhecimento e reação diante dos casos de *bullying*. Também atuam na percepção dos sinais e sintomas e tratamento de transtornos mentais. Estes profissionais auxiliam no diagnóstico através da anamnese, e devem fazer parte de uma equipe multidisciplinar, conforme proposto no estudo de Kim, S. e Kim, N. (2013).

JUSTIFICATIVA

O *bullying* é considerado uma doença e pode acarretar problemas comportamentais e sociais para as vítimas, incluindo stress, baixa autoestima, ansiedade, depressão, baixo

rendimento escolar, podendo levar até à morte nos casos mais graves. Este tipo de conflito tornou-se assunto atual no âmbito educacional, pois ocorre nas escolas do Brasil e do mundo.

Sendo o *bullying* um problema de saúde pública, são necessárias ações para intervenção precoce, como a elaboração de políticas *anti-bullying* com bom custo benefício visando prevenção da criminalidade, suicídio, problemas psicológicos.

Por ser um tema atual, relevante e de difícil identificação, um estudo que aborde as variáveis envolvidas na identificação e manejo dos casos de *bullying* que ocorrem nas escolas de primeira à quinta série, é de extrema importância.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para uma melhor identificação e manejo dos casos de *bullying* nesta realidade.

OBJETIVOS

GERAL

Analisar as variáveis envolvidas na identificação e administração dos conflitos do tipo *bullying* pelos gestores das escolas municipais de Maringá.

ESPECÍFICOS

Verificar o conhecimento dos gestores sobre *bullying*.

Identificar as variáveis envolvidas no reconhecimento dos casos de *bullying* na escola pelos diretores.

Verificar as ações tomadas pelos gestores diante dos casos de *bullying* identificados.

Verificar a percepção dos orientadores sobre as consequências do *bullying*.

MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa descritiva exploratória com gestores (orientadores) de escolas municipais de primeira à quinta série, onde estudam crianças de 6 a 12 anos, de um município do Sul do Brasil.

As 55 escolas municipais foram mapeadas por meio das coordenadas geográficas utilizando um software de mapeamento geográfico (QGIS *Geographic Information System*, V2.8.3 – Wien, 2015) com posterior seleção aleatória de 20 escolas. A coleta de dados foi realizada em 14 escolas, pelo critério de saturação. Estas escolas representaram diferentes

regiões do perímetro urbano da cidade: central, intermediária e periférica. Participaram deste estudo 17 sujeitos pois três das escolas possuíam dois orientadores.

Foi realizado um projeto piloto para a testagem do questionário, objetivando verificar se o instrumento de coleta de dados oferecia condições para o alcance dos objetivos propostos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as diretoras, supervisoras e orientadoras de duas escolas, visando a escolha do gestor mais próximo e familiarizado com conflitos tipo *bullying*. O orientador foi o profissional mais apto a responder os objetivos da pesquisa. As entrevistas com os demais profissionais foram excluídas do estudo.

A coleta de dados foi realizada no período de novembro a dezembro de 2017. As entrevistas aconteceram na escola de atuação do sujeito, conforme disponibilidade dos mesmos e duraram aproximadamente 30 minutos.

Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado composto de três partes. A primeira caracterizou os sujeitos nas variáveis sociodemográficas. A segunda, abrangeu aspectos relativos ao funcionamento da escola como o número total de alunos, número de alunos por sala, período de funcionamento integral, horário e local de entrada, saída e intervalo. A terceira abrangeu um roteiro de perguntas específicas sobre compreensão, reconhecimento e gerenciamento dos casos de *bullying* (Apêndice A).

Os dados oriundos da entrevista, foram gravados mediante consentimento e transcritos na íntegra. Após conferência e validação dos discursos pelos sujeitos, pessoalmente ou via e-mail, a gravação foi inutilizada. Os sujeitos puderam concordar ou discordar dos discursos, e corrigi-los. A leitura pelos entrevistados das transcrições de suas entrevistas é considerada um método de controle de qualidade e validação (SILVESTRE *et al.*, 2014).

A análise dos dados foi realizada por meio de Análise de Conteúdo conforme Minayo, na modalidade temática que é operacionalizada em três passos: ordenação de dados; classificação dos dados e análise final (MINAYO, 2006).

Com intuito de aumentar a compreensão das relações entre as variáveis envolvidas no gerenciamento de *bullying*, foram construídas diversas Redes Bayesianas (RB) utilizando-se o pacote R bnpa (CARVALHO *et al.*, 2018). Utilizou-se o método bootstrap não paramétrico (FRIEDMAN *et al.*, 1999) para estimar a acurácia das Rbs. A principal questão é se os gestores das escolas conseguem compreender e reconhecer o problema.

Redes Bayesianas são compostas por grafos acíclicos dirigidos (GAD), os quais permitem uma visualização simplificada do sistema em estudo (SARABANDO, 2011). Neste GAD, cada círculo representa uma variável de estudo e cada aresta representa a relação de

dependência causal entre dois nós (NIELSEN; JENSEN, 2009). A estrutura da RB foi aprendida com base em conhecimento prévio utilizando-se um algoritmo baseado em pontuação para dados categóricos chamado *Hill Climbing* (hc). Este algoritmo está disponível no pacote “bnlearn” (SCUTARI; DENIS, 2014) do software R *Language for Statistical Computing* (TEAM, 2013).

Para determinar o grau de confiança sobre as características estruturais das RBs criadas, um problema das inferências em RBs, utilizou-se de um método chamado *bootstrap* não paramétrico (FRIEDMAN *et al.*, 1999). Esse método consiste em aprender múltiplas estruturas de RBs a partir dos dados e, para cada par de variáveis, calcular a probabilidade de que haja um arco entre elas e a probabilidade de sua direção. Para este estudo, iniciou-se o processo de *bootstrap* criando-se inicialmente, 1000 estruturas de RBs, até que as probabilidades se estabilizassem, o que ocorreu com 6000 estruturas criadas.

Após a criação das RBs, um grupo de 2 pesquisadores (MDBC, ACJA), doutores, com experiência em pesquisa sobre *bullying* avaliaram separadamente cada estruturas de RBs geradas. Como conceito utilizado para escolha da estrutura de RB que melhor representasse a relação causal deste estudo, foi considerado o grafo que: a) apresentasse o maior número de possíveis preditores para a variável de desfecho apresentados pela literatura, b) contivesse o menor número de relacionamentos incorretos e c) que apresentasse o menor número de variáveis isoladas (sem relacionamento) ou sub-grafos sem sentido. Após a avaliação individual de cada pesquisador, ambos se reuniram para entrar em consenso sobre possíveis discrepâncias. No caso de não haver consenso, um terceiro pesquisador (SMP) opinaria sobre o assunto. Com a estrutura da RB escolhida, foi efetuada uma análise de correlação policórica por meio do pacote do *software* R “polycor” (FOX, 2016) para determinar se a relação entre as variáveis era positiva ou negativa.

O banco de dados original foi composto por 14 variáveis e 17 registros. Os nomes das variáveis foram convertidos de modo que melhor se apresentassem dentro do GAD. O Quadro 1 apresenta o rótulo original e o novo rótulo. O conjunto de dados não apresentou dados faltantes. A verificação de multicolinearidade identificou variáveis independentes com mais de 0,90 de correlação com outras variáveis independentes (PIN, INC, EEC, REL, SEX, GBY). Essas variáveis foram removidas, restando 8 variáveis.

Quadro 1. Conjunto de dados

Rótulo Original	Rótulo Novo	Descrição
Tempo de Gestão Escolar	TGE	Tempo como gestor na escola em anos (< ou >3 anos)
Formação Pedagógica	FPD	Ter formação em pedagogia
Pós-Graduação em gestão	PPG	Ter pós-graduação em gestão escolar
Número de alunos na escola	NAL	Quantidade de alunos na escola (< ou > 500 alunos)
Alunos por sala	NAS	Quantidade de alunos na sala (< ou > 30 alunos)
Idade	IDA	30-50 anos ou > 50 anos
Período integral	PIN	Possuir período integral ou não
Intervalo comum	INC	Intervalo das faixas etárias em conjunto
Entrada e saída comuns	EEC	Entrada e saída de todos alunos no mesmo local e horário
Religião	REL	Católica ou evangélica
Gênero	SEX	Feminino ou masculino
Compreensão de <i>Bullying</i>	CBY	Sim ou Não
Reconhecimento de <i>Bullying</i>	RBY	Sim ou Não
Gerenciamento de <i>Bullying</i>	GBY	Sim ou Não

Fonte: Os autores.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética da Universidade Estadual de Maringá - UEM (Parecer nº 2.230.881). Esta pesquisa não recebeu nenhum financiamento específico de agências de financiamento dos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

REFERÊNCIAS

BERKOWITZ, R. Student and teacher responses to violence in school: the divergent views of bullies, victims, and bully-victims. **Sch. Psychol. Int.**, Beverly Hills, v. 35, n. 5, p. 485-503, 2014.

BOEL-STUDT, S.; RENNER, L. M. Individual and familial risk and protective correlates of physical and psychological peer victimization. **Child Abuse Neg.**, Oxford, v. 37, n. 12, p. 1163-1174, 2013.

BOTTINO, S. M. B. *et al.* Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 463-475, mar. 2015.

BURGER, C. *et al.* How teachers respond to school *bullying*: An examination of self-reported intervention strategy use, moderator effects, and concurrent use of multiple strategies. **Teach. Teach Educ.**, Oxford, v. 51, p. 191-202, 2015.

CABEZAS PIZARRO, H.; MONGE RODRÍGUEZ, M. Violencia escolar, un problema que aumenta en la escuela primaria costarricense. **Rev. Actual. Investig. Educ.**, Costa Rica, v. 13, n. 2, p. 245-264, ago. 2013.

CARVALHO, E. *et al.* **BNPA**: Bayesian Networks & Path Analysis. R package version 0.3.2. 2018. Disponível em: <https://sites.google.com/site/bnparp/>. Acesso em: 14 jul. 2018.

CASAS, J. A. *et al.* *Bullying*: the impact of teacher management and trait emotional intelligence. **Br. J. Educ. Psychol.**, Edinburgh, v. 85, n. 3, p. 407-423, 2015.

COOK, C. R. *et al.* Predictors of *bullying* and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. **Sch. Psychol. Q.**, New York, v. 25, n. 2, p. 65, 2010.

DEBARBIEUX, E. A l'école des enfants heureux enfin presque. Une enquête de victimation et climat scolaire auprès d'élèves du cycle 3 des écoles élémentaires. **J. Droit Jeunes**, Paris, v. 4, n. 304, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/ouvrages.php>. Acesso em: 12 jun. 2018. doi: 10.3917/jdj.304.0019.

EARNSHAW, V. A. *et al.* LGBTQ *bullying*: translating research to action in Pediatrics. **Pediatrics**, Springfield, v. 140, n. 4, pii: e20170432, Oct. 2017. doi: 10.1542/peds.2017-0432.

EATON, D. K. *et al.* Youth Risk Behavior Surveillance--United States, 2011. Morbidity and Mortality Weekly Report. Surveillance Summaries. **MMWR Surveill Summ**, Atlanta, v. 61, n. 4, p. 1-162, Jun. 2012.

ESCOLAS Estaduais de SP têm 3 casos de *bullying* a cada dia de aula. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/04/escolas-estaduais-de-sp-tem-3-casos-de-bullying-a-cada-dia-de-aula.shtml>. Acesso em: 8 jul. 2018.

ESPELAGE, D. L. Leveraging school-based research to inform *bullying* prevention and policy. **Am. Psychol.**, Washington, DC, v. 71, n. 8, p. 768-775, 2016.

FENG, C. X. *et al.* Suicidal ideation in a community-based sample of elementary school children: A multilevel and spatial analysis. **Can. J. Public Health**, Ottawa, v. 107, n. 1, p. e100-5, Jun. 2016. doi: 10.17269/cjph.107.5294.

FOODY, M. *et al.* Anti-*bullying* procedures for schools in Ireland: principals' responses and perceptions. **Pastoral Care Educ.**, Oxford, v. 36, p. 1-15, Mar. 2018. <https://doi.org/10.1080/02643944.2018.1453859>.

FORD, R. *et al.* *Bullying* and mental health and suicidal behaviour among 14-to 15-year-olds in a representative sample of Australian children. **Aust. N. Z. J. Psychiatry**, London, v. 51, n. 9, p. 897-908, Sept. 2017. 2017 doi: 10.1177/0004867417700275.

FOX, J. Polycor: polychoric and polyserial correlations. **R package version 0.7-5**, 2016. Disponível em: <http://CRAN.R-project.org/package=polycor>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, n. 8, p. 200-207, 2009. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf>

FRIEDMAN, N. *et al.* Data analysis with Bayesian networks: A bootstrap approach. In: CONFERENCE ON UNCERTAINTY IN ARTIFICIAL INTELLIGENCE, 15., 1999, São Francisco. **Proceedings...** São Francisco: Morgan Kaufmann, 1999. p. 196-205.

GLADDEN, R. M. *et al.* **Bullying surveillance among youths**: uniform definitions for public health and recommended data elements. Washington, D.C: Centers for Disease Control and Prevention, 2014.

HYMEL, S.; SWEARER, S. M. Four decades of research on school *bullying*: an introduction. **Am. Psychol.**, Washington, DC, v. 70, n. 4, p. 293-9, May-Jun. 2015. doi: 10.1037/a0038928.

JONES, S. N. *et al.* An evolutionary concept analysis of school violence: from *bullying* to death. **J. Forensic. Nurs.**, Pitman, v. 8, n. 1, p. 4-12, 2012.

JOTZ, M. E. V. **O combate a intimidação sistemática sob a tutela da Constituição Federal: “Bullying” é questão de direito.** Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2017/03/maria_jotz_2016_2.pdf. Acesso em: 3 mar. 2018.

JUVONEN, J.; GRAHAM, S. *Bullying* in schools: the power of bullies and the plight of victims. **Annu. Rev. Psychol.**, Palo Alto, v. 65, p. 159-185, 2014.

KÄRNÄ, A. *et al.* A large-scale evaluation of the KiVa *antibullying* program: Grades 4–6. **Child Dev.**, New York, v. 82, n. 1, p. 311-30, Jan-Feb. 2011. doi: 10.1111/j.1467-8624.2010.01557.x.

KIM, S. K.; KIM, N. S. The role of the pediatrician in youth violence prevention. **Korean J Pediatr.** v. 56, n. 1, p. 1-7, 2013. doi: 10.3345/kjp.2013.56.1.1.

KLOMEK, A. B. *et al.* Association between victimization by *bullying* and direct self-injurious behavior among adolescence in Europe: a ten-country study. **Eur. Child. Adolesc. Psychiatry**, Toronto, v. 25, n. 11, p. 1183–1193, 2016.

KOSCIW, J. G. *et al.* The 2015 National School Climate Survey: the Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Youth in Our Nation's Schools. **Gay, Lesbian and Straight Education Network (GLSEN)**, New York, 2016.

MAJCHEROVÁ, K.; HAJDUOVÁ, Z.; ANDREJKOVIČ, M. The role of the school in handling the problem of *bullying*. **Aggress. Violent. Behav.**, New York, v. 19, n. 5, p. 463-465, 2014.

- MALTA, D. C. *et al.* *Bullying* e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v.17, p. 131-145, 2014. supl.1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4503201400050011>. Acesso em: 2 mar. 2018.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. rev. São Paulo: Hucitec, 2006
- MENESINI, E.; SALMIVALLI, C. *Bullying* in schools: the state of knowledge and effective interventions. **Psychol. Health Med.**, Abingdon, v. 22, n. 1, p. 240-253, Mar. 2017. doi: 10.1080/13548506.2017.1279740.
- MODECKI, K. L. *et al.* *Bullying* prevalence across contexts: a meta-analysis measuring cyber and traditional *bullying*. **J. Adolesc. Health**, New York, v. 55, n. 5, p. 602–611, 2014.
- NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **OMS: quase 800 mil pessoas se suicidam por ano** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/> acesso em: 20 out. 2017.
- NIELSEN, T. D.; JENSEN F. V. **Bayesian Networks and decision graphs**. Berlim: Springer Science, 2009.
- NOCENTINI, A. *et al.* *Cyberbullying*: labels, behaviours and definition in three European countries. **J. Psychol. Counsel. Sch.**, New York, v. 20, n. 2, p. 129-142, 2010.
- OLIVEIRA, W. A. *et al.* Associations between the practice of *bullying* and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **J. Pediatr.**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 1, p. 32-39, jan./fev. 2016. doi: 10.1016/j.jpmed.2015.04.003
- OLWEUS, D. School *bullying*: development and some important challenges. **Annu. Rev. Clin. Psychol.**, Palo Alto, v. 9, p. 751-780, 2013. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu *bullying***. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullyng>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- PHAM, T. B. *et al.* Weapon carrying among victims of *bullying*. **Pediatrics**, Springfield, v. 140, n. 6, pii: e20170353, Dec. 2017. doi: 10.1542/peds.2017-0353.
- RECH, R. R. *et al.* Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of *bullying*. **J. Pediatr.**, Porto Alegre, v. 89, n. 2, p. 164-170, 2013.
- REIJNTJES, A. *et al.* Narcissism, *bullying*, and social dominance in youth: a longitudinal analysis. **Psychol. Abnorm. Child.**, Los Angeles, v. 44, n. 1, p. 63-74, Jan. 2016. doi: 10.1007/s10802-015-9974-1.
- RETTEW, D. C.; PAWLOWSKI, S. *Bullying*. **Child. Adolesc. Psychiatr Clin. N. Am.**,

Philadelphia, v. 25, n. 2, p. 235-242, 2016. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chc.2015.12.002>.

RIVERS, I.; NORET, N. Potential suicide ideation and its association with observing *bullying* at school. **J. Adolesc. Health**, New York, v. 53, p. S32–S36, Jul. 2013. Suppl. 1. doi: 10.1016/j.jadohealth.2012.10.279.

SAARENTO, S. *et al.* Reducing *bullying* and victimization: Student-and classroom-level mechanisms of change. **J. Abnorm. Child. Psychol.**, New York, v. 43, n. 1, p. 61-76, Jan. 2015. doi: 10.1007/s10802-013-9841-x.

SALMIVALLI, C. *et al.* E. Bystanders matter: Associations between reinforcing, defending, and the frequency of *bullying* behavior in classrooms. **J. Clin. Child. Adolesc. Psychol.**, New York, v. 40, n. 5, 668-76, 2011. doi: 10.1080/15374416.2011.597090.

SARABANDO, A. C. L. **Um estudo do comportamento de Redes Bayesianas no prognóstico da sobrevivência no cancro da próstata**. 2011. Dissertação (Mestrado)-Universidade do Porto, Porto, 2011.

SCHULTZ, N. C. W. *et al.* A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicol. Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SCUTARI, M.; DENIS, J. B. **Bayesian networks: with examples in R**. Boca Raton: CRC Press, 2014.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2015.

SILVA, A. C. F.; COSTA, A. M. F. R. O papel do psicopedagogo em relação ao *bullying*. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 31, n. 94, p. 56-62, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n94/07.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

SILVA, D. *et al.* Vítimas e agressores: manifestações de *bullying* em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. **Rev. Port. Enferm. Saúde Mental**, Porto, n. 5, p. 57-62, ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0168>

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. DE S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Psicol. Escolar Educ.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329–338, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a15.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SILVESTRE, M. J. *et al.* **Da palavra à construção do conhecimento: meta, avaliação de guião de entrevista semi-estruturada**, 2014. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ/article/view/495/490>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SLONJE, R. *et al.* The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers Human Behavior**, Los Angeles, v. 29, n. 1, p. 26-32, 2013.

SLONJE, R.; SMITH, P. K. Cyberbullying: Another main type of *bullying*? **Scand. J. Psychol.**, Oxford., v. 49, n. 2, p. 147-154, 2008.

- SMITH, P. K. *et al.* Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. **J. Child. Psychol. Psychiatry**, Oxford, v. 49, n. 4, p. 376-385, Apr. 2008. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.
- TEAM, R. C. **R**: a language and environment for statistical computing. Vienna: R. Foundation for Statistical Computing, Vienna, 2013.
- TOKUNAGA, R. S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. **Comput. Human. Behav.**, New York, v. 26, n. 3, p. 277-287, 2010.
- THORNBERG, R. The social dynamics of school *bullying*: The necessary dialogue between the blind men around the elephant and the possible meeting point at the social-ecological square. **Confero: Essays Educ. Philos. Politic.**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 161-203, 2015. <http://dx.doi.org/10.3384/confero.2001-4562.1506245>
- VÄRNIK, P. Suicide in the world. **IRJPEH**, Nigeria, v. 9, n. 3, p. 760-771, 2012.
- WOLKE, D.; LEREYA, S. T. Long-term effects of *bullying*. Long-term effects of *bullying*. **Arch. Dis. Child.**, London, v. 100, n. 9, p. 879-885, 2015.
- WOOD, L. *et al.* School personnel social support and nonsupport for bystanders of *bullying*: Exploring student perspectives. **J. Sch. Psychol.**, Elmsford, v. 61, p. 1-17, 2017.

CAPÍTULO II

Artigo: “VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO GERENCIAMENTO DE CONFLITOS DO TIPO *BULLYING* EM ESCOLAS, UMA ANÁLISE DE REDE BAYESIANA”

VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO GERENCIAMENTO DE CONFLITOS DO TIPO *BULLYING* EM ESCOLAS, UMA ANÁLISE DE REDE BAYESIANA

Mariá Ribas Romano, Tatiana Sayuri Hizukuri, Marcos Rogério Bitencourt, Ana Carolina Jacinto Alarcão, Elias César de Araujo Carvalho, Luciano de Andrade, Sandra Marisa Peloso, Ieda Harumi Higarashi. Maria Dalva de Barros Carvalho

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Análises Clínicas (DAC) – Av. Colombo 5790 CEP 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil

RESUMO

Objetivo: Analisar o gerenciamento de conflitos do tipo *bullying*, pelos gestores de escolas de ensino fundamental. **Método:** Pesquisa descritiva, exploratória realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 17 orientadores de escolas de um município do Sul do Brasil, escolhidas aleatoriamente contemplando os diversos setores geográficos locais. As entrevistas foram gravadas mediante consentimento, e após transcrição e conferência pelos sujeitos, descartadas. A entrevista dividiu-se em duas partes: caracterização sociodemográfica e funcionamento da escola no gerenciamento dos casos de *bullying*. A análise dos dados foi feita usando rede Bayesiana associada à análise de conteúdo. **Resultados:** A maioria dos sujeitos era do sexo feminino, tinham entre 30 e 50 anos. Quinze sujeitos eram formados em pedagogia, e todos possuíam pós-graduação. A maioria atuava na função de orientador há menos de 3 anos. A última parte da entrevista foi dividida em três partes: compreensão de *bullying*, reconhecimento e gerenciamento dos casos. Apenas dois sujeitos, com idade entre 30 e 50 anos, compreenderam completamente o termo *bullying*, já o reconhecimento dos casos teve correlação negativa com esta faixa etária. Ter feito pós-graduação influenciou positivamente o reconhecimento de *bullying*. Quanto maior o número de alunos menor o reconhecimento. Todos gerenciaram os casos abordando as crianças, famílias, equipe, e envolvendo profissionais e núcleos de apoio. **Conclusão:** a compreensão e o reconhecimento do *bullying* se deram por poucos entrevistados. Todos os gestores relataram ações de gerenciamento semelhantes diante dos casos. São necessários mais estudos avaliando gerenciamento dos casos de *bullying* na escola a fim de reduzir a sua ocorrência.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Gerenciamento escolar. Intimidação. Violência. Crianças.

INTRODUÇÃO

O aumento da prevalência de episódios de *bullying* em diferentes culturas e suas consequências para os envolvidos o transformaram em um problema de saúde pública.^{1,2}

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2016, o Brasil apresentou taxa de 43% de ocorrência de *bullying*, entre crianças e jovens. Países “desenvolvidos” também apresentam percentuais elevados como a Alemanha (35,7%), Noruega (40,4%) e Espanha (39,8%).³

O *bullying* é a forma mais comum de violência no contexto escolar.⁴ Nos Estados Unidos, a prevalência de *bullying* é de 20% entre os estudantes do ensino médio.⁵

Meta-análise sobre *bullying* na Irlanda revelou prevalência de 22,4% entre estudantes de 4 a 13 anos e 11,8% entre estudantes de 12 a 18 anos.⁶

O clima escolar, o processo de ensino-aprendizagem, a saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes são afetados pelo *bullying*,^{1,2} podendo causar danos físicos, psicológicos, sociais ou educacionais,⁷ que afetam vítimas, agressores e observadores.⁸

Os agressores relatam insônia, solidão e falta de amigos. Apresentam comportamentos de risco como consumo de tabaco, álcool e outras drogas e relação sexual precoce.⁹ As taxas de ideação suicida são maiores em jovens que presenciaram ou sofreram agressão.¹⁰

Estes comportamentos e a violência são uma realidade preocupante nas nossas escolas, pelas sequelas imediatas e futuras que pode provocar.¹¹

Um fator importante para redução dos casos de *bullying* nas escolas é o gerenciamento dos casos pelos educadores.¹²

Na literatura, há vários trabalhos sobre *bullying* que abordam o conhecimento dos professores sobre o tema,¹³ a ocorrência de suicídio entre vítimas,¹⁴ o *cyberbullying*,¹⁵ e os observadores de *bullying*.¹⁰ Até onde se sabe, não foram encontrados trabalhos que abordassem os gestores de escolas, as variáveis envolvidas na identificação e administração dos casos de *bullying*, assim como faixa etária de alunos de primeira à quinta série do ensino fundamental.

Assim o objetivo deste estudo foi analisar as variáveis envolvidas na administração dos conflitos do tipo *bullying* pelos gestores das escolas de um município do Sul do Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa descritiva exploratória com gestores (orientadores) de escolas municipais de primeira à quinta série, de um município do Sul do Brasil.

As 55 escolas municipais foram mapeadas por meio das coordenadas geográficas utilizando o software de mapeamento geográfico (QGIS *Geographic Information System*, V2.8.3)¹⁶ para seleção aleatória de 20 escolas que representaram diferentes regiões do perímetro urbano da cidade: central, intermediária e periférica.

Foi realizado um projeto piloto para a testagem do questionário, objetivando verificar se o instrumento de coleta de dados oferecia condições para o alcance dos objetivos propostos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as diretoras, supervisoras e orientadoras de duas escolas, visando a escolha do gestor mais próximo e familiarizado com conflitos tipo *bullying*. O orientador foi o profissional mais apto a responder os objetivos da pesquisa. As entrevistas com os demais profissionais foram excluídas do estudo.

A coleta de dados foi realizada no período de novembro a dezembro de 2017. As entrevistas (Apêndice A) aconteceram na escola de atuação do sujeito, conforme disponibilidade dos mesmos e duraram aproximadamente 30 minutos. Participaram 14 escolas considerando o critério de saturação dos dados, totalizando 17 sujeitos, três escolas possuíam dois orientadores.

Os dados oriundos da entrevista, foram gravados mediante consentimento e transcritos na íntegra. Após conferência e validação dos discursos pelos sujeitos, pessoalmente ou via e-mail, a gravação foi inutilizada. Os sujeitos puderam concordar ou discordar dos discursos, e corrigi-los.

A análise dos dados foi realizada por meio de Análise de Conteúdo na modalidade temática conforme Minayo.¹⁷

Com intuito de aumentar a compreensão das relações entre as variáveis envolvidas no gerenciamento de *bullying*, foram construídas diversas Redes Bayesianas (RB) utilizando-se o pacote R *bnpa*.¹⁸ Utilizou-se o método bootstrap não paramétrico¹⁹ para estimar a acurácia das RBs. A principal questão é se os gestores das escolas conseguem compreender e reconhecer o problema.

Após a criação das RBs, um grupo de 2 pesquisadores (MDBC, ACJA), doutores, com experiência em pesquisa sobre *bullying* avaliaram separadamente cada estruturas de RBs geradas. Como conceito utilizado para escolha da estrutura de RB que melhor representasse a relação causal deste estudo, foi considerado o grafo que: a) apresentasse o maior número de possíveis preditores para a variável de desfecho apresentados pela literatura, b) contivesse o menor número de relacionamentos incorretos e c) que apresentasse o menor número de variáveis isoladas (sem relacionamento) ou sub-grafos sem sentido. Após a avaliação individual

de cada pesquisador, ambos se reuniram para entrar em consenso sobre possíveis discrepâncias. No caso de não haver consenso, um terceiro pesquisador (SMP) opinaria sobre o assunto. Com a estrutura da RB escolhida, foi efetuada uma análise de correlação policórica por meio do pacote do *software* R “polycor”,²⁰ para determinar se a relação entre as variáveis era positiva ou negativa.

O banco de dados original foi composto por 14 variáveis e 17 registros. Os nomes das variáveis foram convertidos de modo que melhor se apresentassem dentro do GAD. O Quadro 1 apresenta o rótulo original e o novo rótulo. O conjunto de dados não apresentou dados faltantes. A verificação de multicolinearidade identificou variáveis independentes com mais de 0,90 de correlação com outras variáveis independentes (PIN, INC, EEC, REL, SEX, GBY). Essas variáveis foram removidas, restando 8 variáveis.

Quadro 1. Conjunto de dados.

Rótulo Original	Rótulo Novo	Descrição
Tempo de Gestão Escolar	TGE	Tempo como gestor na escola em anos (< ou >3 anos)
Formação Pedagógica	FPD	Ter formação em pedagogia
Pós-Graduação em gestão	PPG	Ter pós-graduação em gestão escolar
Número de alunos na escola	NAL	Quantidade de alunos na escola (< ou > 500 alunos)
Alunos por sala	NAS	Quantidade de alunos na sala (< ou > 30 alunos)
Idade	IDA	30-50 anos ou > 50 anos
Período integral	PIN	Possuir período integral ou não
Intervalo comum	INC	Intervalo das faixas etárias em conjunto
Entrada e saída comuns	EEC	Entrada e saída de todos alunos no mesmo local e horário
Religião	REL	Católica ou evangélica
Gênero	SEX	Feminino ou masculino
Compreensão de <i>Bullying</i>	CBY	Sim ou Não
Reconhecimento de <i>Bullying</i>	RBY	Sim ou Não
Gerenciamento de <i>Bullying</i>	GBY	Sim ou Não

Fonte: Os autores.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética da Universidade Estadual de Maringá - UEM (Parecer nº 2.230.881). Esta pesquisa não recebeu nenhum financiamento específico de agências de financiamento dos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

RESULTADOS

Participaram do estudo 17 orientadores com idade entre 37 e 63 anos. Foram divididos em 2 categorias, de 30 a 50 anos (58,8%) e acima de 50 anos. Dezesesseis (94,1%) participantes pertenciam ao sexo feminino. A religião católica predominou entre os participantes (52,9%). Quinze sujeitos (88,2%) eram formados em pedagogia, e a maioria estava na orientação da escola há menos de 3 anos. Todos os entrevistados possuíam pós-graduação (especialização), sendo neuropedagogia, educação especial e gestão escolar as mais prevalentes.

Em 76,4% das escolas estudam entre 100 e 500 alunos. Onze escolas (78,5%) oferecem período integral de ensino não-obrigatório, sendo que mais da metade dos alunos permanece em período integral. Todas as escolas possuem de 20 a 35 alunos por sala. Os horários de entrada e saída são os mesmos para as diferentes faixas etárias em 9 escolas (71,4%). Já os intervalos são separados por faixas etárias, 13 escolas (92,8%) agrupam os primeiros e segundos anos em um ambiente e os terceiros, quartos e quintos anos em outro.

Após leitura exaustiva dos discursos dos sujeitos foram delineadas três categorias indutivas: compreensão, reconhecimento e gerenciamento de *bullying*.

1. Compreensão de *bullying*

Os discursos sobre a compreensão permitiram criar duas subcategorias dicotômicas: sim não, e a partir delas subcategorias criadas de acordo com conceitos e ideias presentes nos discursos (Figura 1).

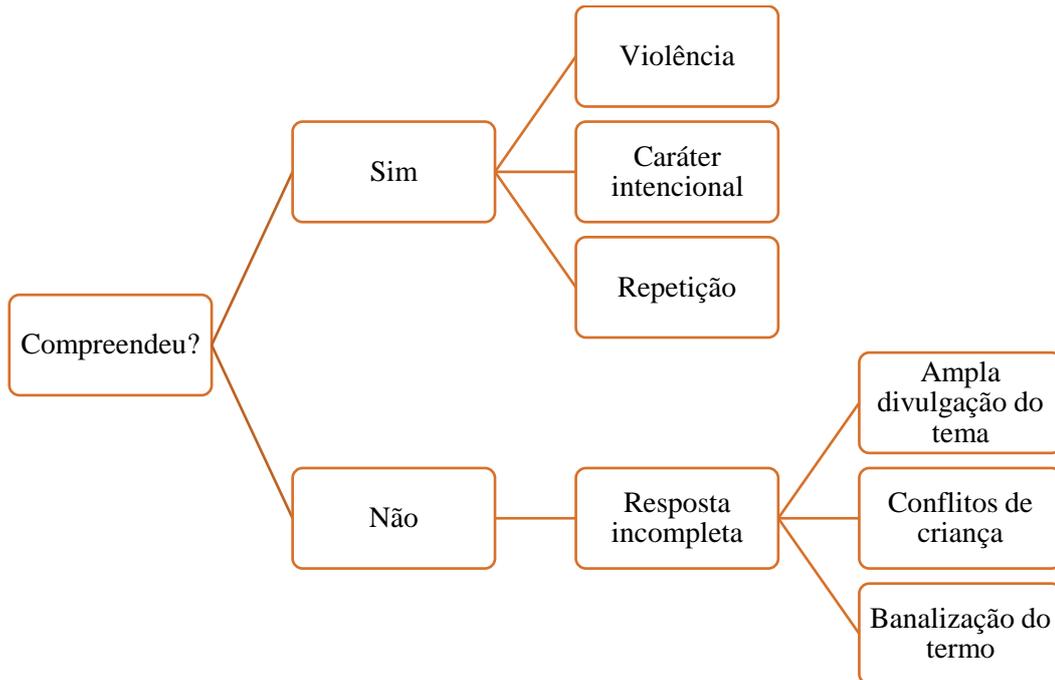


Figura 1. Subcategorização da compreensão do *bullying*.

Fonte: A autora

2. Reconhecimento dos casos de *bullying*

O reconhecimento dos casos pelos entrevistados se deu por meio das falas dos sujeitos por meio dos sinais e sintomas das crianças que sofrem, perfil mais acometido, e locais de maior ocorrência, conforme exposto na nuvem de palavras.²¹ Isolamento foi o sinal mais observado nas crianças vítimas de *bullying*. A palavra “obeso” foi citada como a perfil de criança mais suscetível a sofrer *bullying*, e o local ou situação mais propício para ocorrência foi o recreio.



Figura 2. Nuvem de palavras: reconhecimento do *bullying*.

Fonte: os autores

Para auxiliar na compreensão e reconhecimento de *bullying* foi utilizada rede Bayesiana. Os Quadros 2 e 3 apresentam, os resultados obtidos após a execução do processo de *bootstrap* durante a criação da estrutura de RB. A coluna “De” representa a variável de origem, “Para” a variável de destino, “Força” indica a probabilidade de que haja um arco entre essas variáveis e “Direção”, é um parâmetro que deve conter valores acima de 0,50, o que indica que há suporte para confirmar aquela direção de relacionamento.

Quadro 2. Resultado do processo de *bootstrap* para compreensão de *bullying*.

De	Para	Força	Direção
TGE	CBY	0,66	1,00
TGE	FPD	0,71	0,76
PGG	CBY	0,83	1,00
IDA	CBY	0,85	1,00
IDA	FPD	0,86	1,00
IDA	TGE	0,95	1,00

Quadro 3. Resultado do processo de *bootstrap* para reconhecimento de *bullying*.

De	Para	Força	Direção
TGE	FPD	0,68	0,73
NAL	RBY	0,76	1,00
PGG	RBY	0,79	1,00
NAS	RBY	0,93	1,00
IDA	TGE	0,94	1,00
IDA	RBY	0,94	1,00
TGE	RBY	0,94	1,00

A escolha da estrutura de RB mais adequada considerou o grafo com maior número de possíveis preditores e com menor número de relacionamentos incorretos. A categoria gerenciamento dos casos não permitiu o uso do método de rede Bayesiana pois todos os sujeitos relataram ações de gerenciamento, não havendo variância suficiente para executar os cálculos estatísticos e de probabilidades exigidos pela metodologia.

A representação gráfica de influência positiva ou negativa se deu pelas cores azul e vermelha, respectivamente. A espessura da haste está relacionada à intensidade da influência.

A Figura 3 representa a RB criada para o relacionamento causal entre as variáveis predictoras da variável de desfecho “compreensão de *bullying*”. Neste caso, a variável *IDA*

(idade 30 a 50 anos) apresentou influência positiva, assim como *TGE* (menos de 3 anos). A variável *PGG* (ter pós-graduação em gestão escolar) teve influência negativa sobre a variável *CBY* (compreensão de bullying). A formação em pedagogia não apresentou relação com a compreensão.

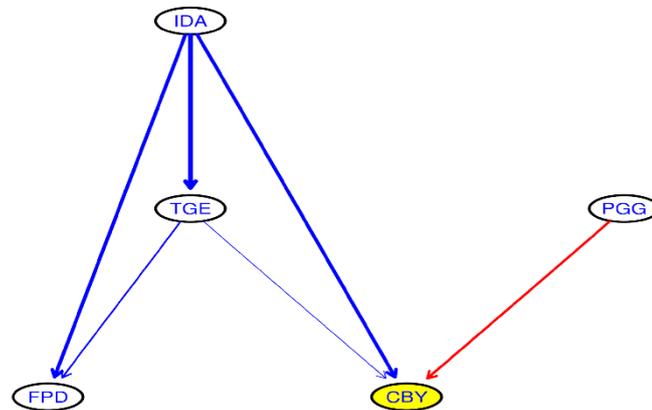


Figura 3. Rede Bayesiana representando o relacionamento causal para compreensão de *bullying*.

Fonte: Os autores

A Figura 4 representa a RB criada para o relacionamento causal entre as variáveis predictoras de reconhecimento de *bullying*. As variáveis *TGE* (tempo de gestão menor de 3 anos), *NAS* (menos de 30 alunos) e *PGG* (ter feito pós-graduação em gestão escolar) foram identificadas como influência positiva; e as variáveis *IDA* (de 30 a 50 anos) e *NAL* (mais de 30 alunos por sala), como influência negativa sobre a variável *RBY*, que representa o reconhecimento. A formação em pedagogia não apresentou relação com o reconhecimento.

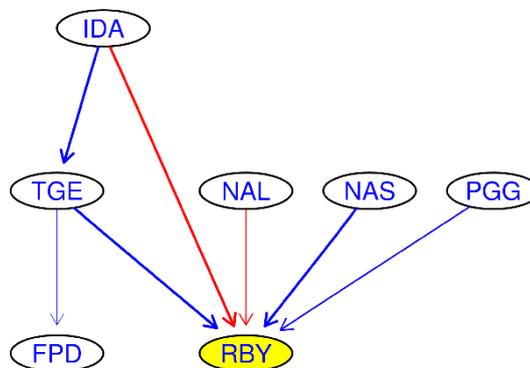


Figura 4. Rede Bayesiana representando reconhecimento de *bullying*.

Fonte: Os autores

3. Gerenciamento de conflitos do tipo *bullying*

O gerenciamento deste tipo de conflito na escola foi subcategorizado conforme exposto figura 4.

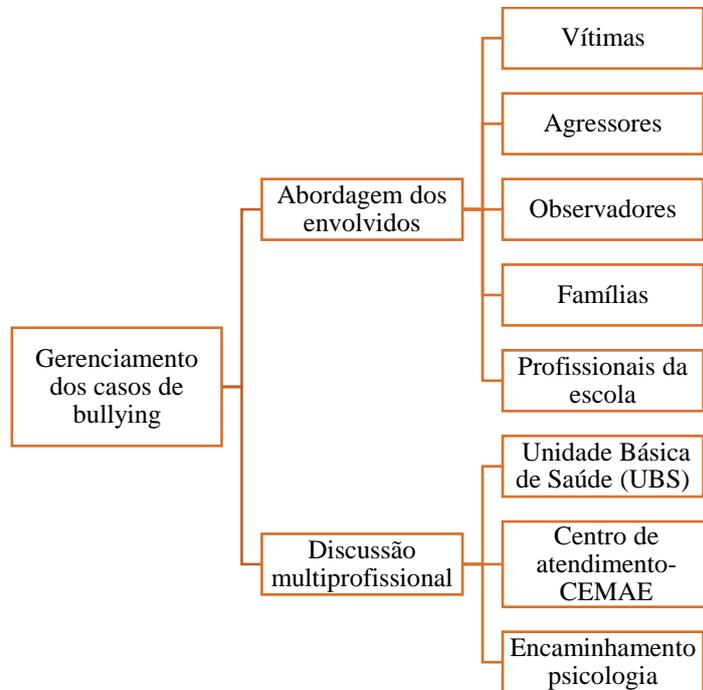


Figura 5. Subcategorização do Gerenciamento dos conflitos tipo *bullying*.

Fonte: os autores

DISCUSSÃO

Até o momento, de acordo com nosso conhecimento, este estudo é o primeiro que analisa o gerenciamento por gestores escolares, dos conflitos do tipo *bullying* ocorridos em escolas na faixa etária de 6 a 12 anos. Também é o primeiro a utilizar-se de algoritmos de aprendizagem de estrutura de RB para avaliar a influência causal dos possíveis preditores para conhecimento e reconhecimento dos casos de *bullying*.

Em relação à categoria compreensão, os sujeitos citaram os conceitos que a literatura identifica como *bullying*: violência, intenção de causar mal e repetição achados corroborados pelo estudo de Olweus.²² Isso pode ter ocorrido pela compreensão do termo estar mais relacionada à valores intrínsecos do sujeito, do que com a formação pedagógica ou pós-graduação na área de gestão escolar, ou ainda ao tempo de atuação como gestor. Lima e colaboradores,²³ em estudo realizado com professores, observaram que estes demonstraram conhecer o termo *bullying*, porém, não se sentiam preparados para gerenciar o problema e

revelaram necessidade de capacitação. No presente estudo, os sujeitos relataram ter acesso às capacitações e não expressaram dificuldade de manejo.

O *bullying* foi descrito como um fenômeno que sempre existiu, porém, atualmente, pela maior importância dada ao tema, ocorre uma banalização do termo. Os gestores que se encontram na faixa etária de 30 a 50 anos mostraram melhor compreensão de *bullying*, talvez pela familiaridade com o conceito. Já os sujeitos acima de 50 anos podem ter vivenciado conflitos semelhantes no passado, porém, estes não eram chamados de *bullying*, nem tinham a importância que tem atualmente, o que dificulta a compreensão.

O tempo de atuação do gestor inferior a 3 anos, teve influência positiva na compreensão de *bullying*, cabendo ressaltar o fato dos mesmos possuírem bastante tempo de experiência na docência. No estudo de Silva e Rosa,¹³ apenas um professor dentre os seis entrevistados, afirmou ter estudado *bullying* durante a sua formação inicial, os demais professores afirmaram que o assunto não havia sido abordado em sua formação docente. Como os participantes do referido estudo já possuíam mais de 20 anos de docência, os autores acreditam que no período da formação inicial dos mesmos, a discussão sobre o *bullying* não fazia parte do repertório de conteúdo.

Ter formação em pedagogia ou ter feito pós-graduação em área de gestão escolar, não influenciaram a compreensão de *bullying*. Esses dados estão em concordância com estudo de Bandeira e Hutz²⁴ que identificou que a falta de conhecimento sobre a forma como o *bullying* se apresenta e se propaga, pode contribuir para posturas de omissão diante dos casos devido ao despreparo profissional e à falta de informação sobre como atuar na resolução do problema. Destaca-se a importância de uma reformulação na formação do professor que ainda necessita de maior enfoque sobre violência na escola.

A falta de conhecimento das características do *bullying* escolar pelos professores, pode trazer dificuldades no reconhecimento do contexto de vitimização e agressão. Lima e colaboradores²³ acreditam que isso ocorre devido à falha na formação continuada sobre a violência escolar. No presente estudo os sujeitos citaram ter capacitações frequentes.

Os profissionais acreditam que há mais *bullying* nas outras escolas em relação às escolas em que atuam. Isso pode ser creditado à ampla divulgação do tema na mídia, à falta de informação dos casos em sua própria escola, ou também à dificuldade ou medo em relatar os casos.²⁵ No estudo PeNSE 2012, realizado com estudantes do nono ano, 7,2% sofreram e 20,5% assumiram praticar *bullying*.²⁶ Percebe-se que a porcentagem de casos não é pequena, ainda que a presente pesquisa tenha abordado faixa etária menor. Os gestores que acreditam não

existir casos de *bullying* em suas escolas talvez não compreendam ou não reconheçam a ocorrência dos casos, o que dificulta seu gerenciamento.

Em relação às variáveis envolvidas no perfil de suscetibilidade *bullying*, a obesidade foi a característica mais citada (94%). Esse achado está em concordância com o estudo de Jansen e colaboradores,²⁷ que encontraram uma relação positiva entre alto índice de massa corporal (IMC) e chance de sofrer *bullying*. O estudo de Juvonen e Graham,²⁵ também evidenciou a obesidade como um fator que confere risco aumentado de ser alvo de *bullying*.

Outra variável envolvida nos casos de *bullying* foi a cor da pele. Estudo PeNSE,²⁶ constatou que alunos da raça negra foram os que mais referiram não terem sido bem tratados no último mês, e foram também os que mais praticaram *bullying*.

Alguns sinais e sintomas apresentados pelas vítimas e relatados pelos gestores participantes deste estudo estão em conformidade com os encontrados por Silva e Costa,²⁸ entre os quais se destacaram: mudança de humor, irritação, choro, falta de atenção, faltas escolares e dores frequentes. O mesmo ocorreu com o medo de ir à escola, queda do rendimento escolar, e baixa auto-estima, que também foram observados por Kim e Kim²⁹ em seu artigo de revisão.

Além das vítimas, os agressores também demonstram sinais consonantes aos encontrados por Oliveira e colaboradores:⁹ se sentem solitários, não têm amigos, têm mais faltas escolares e sofrem mais violência familiar. Esses dados reforçam a importância da abordagem, não somente da vítima, mas também do agressor e dos observadores, que também sofrem as consequências deste tipo de violência.

A auto-estima é um fator de proteção emocional e bem-estar diante das dificuldades na infância e pré-adolescência.³⁰ No presente estudo, a baixa auto-estima foi citada como consequência apresentada pelas crianças vítimas de *bullying*, o que reforça a necessidade de gerenciamento e prevenção do evento, considerando a formação da personalidade infantil.

Para Silva e Costa,²⁸ no Brasil o *bullying* ocorre com maior frequência na sala de aula, ao contrário das pesquisas internacionais que apontam maior frequência em intervalos e horários de entrada e saída. No presente estudo o recreio foi citado como sendo o principal momento, por se tratar de situação de menor vigilância pelas autoridades escolares assim como demonstram os estudos de Francisco e Libório³¹ e de Majcherová, Hajduová e Andrejkovič.³²

Uma outra variável envolvida foi a questão do gerenciamento dos casos de *bullying*. O gerenciamento por meio da abordagem em sala de aula foi citado pelos sujeitos da pesquisa, assim como no estudo de Silva e Costa,²⁸ no qual foram desenvolvidos trabalhos em sala de aula por meio de textos, histórias em quadrinho, vídeos e palestras sobre o tema.

Dake e colaboradores,³³ em seu estudo, verificaram que a melhor maneira de reduzir o *bullying* após o fato ocorrido, foi por meio de conversas com a família. No presente estudo, os gestores referiram utilizar a mesma estratégia como forma de administrar e reduzir os conflitos.

Outra forma de gerenciamento dos casos de *bullying*, é envolver outros profissionais, como sugerem Majcherová, Hajduová e Andrejkovič.³² Neste sentido, a presença de assistente social dentro da escola seria importante, uma vez que possui contatos diversos com órgãos governamentais e associações. No município do estudo, as assistentes sociais estão presentes no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), e nas UBS, que são serviços que podem auxiliar no manejo e prevenção dos casos.

Para Silva e Costa,²⁸ deve haver uma parceria entre escola, família e setores da sociedade a fim de reduzir a violência no dia a dia; além disso, devem ser promovidas campanhas *antibullying* para melhorar a identificação dos casos. Estes autores também sugerem a presença do psicopedagogo para desenvolver trabalhos com crianças, famílias, e escola, sensibilizando-os sobre a importância de sua conduta. No presente estudo, a presença de psicopedagogos atuando no CEMAE foi citada por alguns sujeitos, como profissionais que os auxiliam nestes casos.

Não foram citados encaminhamentos específicos para o Pediatra, porém, como se trata de uma questão de saúde, estes profissionais poderiam auxiliar no diagnóstico fazendo parte de uma equipe multidisciplinar, assim como proposto por Kim e Kim.²⁹

Este estudo apresentou algumas limitações. Uma delas foi o envolvimento de gestores de escolas públicas. Para atenuar esta limitação foram avaliadas escolas de diferentes regiões do município. Notou-se que os entrevistados tiveram dificuldade em admitir o *bullying* nas escolas em que atuam. Para dirimir essa limitação foi utilizado além da análise dos discursos a rede Bayesiana. E por fim, não menos importante outra limitação foi o estudo ter sido realizado em um município de médio porte. Todavia, os resultados encontrados tendem a ser comuns em outras populações nas mesmas circunstâncias.

Conclui-se que o *bullying* ainda é um tema que apresenta dificuldades de compreensão, reconhecimento e manejo pelos profissionais atuantes nas escolas. A abordagem deve ser realizada por uma equipe multidisciplinar que envolve professores, orientadores, psicólogos, pediatras, assistente sociais, órgãos de apoio, atuando juntamente com as famílias.

A prevenção da violência escolar é uma tarefa árdua que necessita envolvimento de gestores da área da educação e saúde, para evitar maiores consequências, tornando a escola um ambiente mais agradável e seguro.

REFERÊNCIAS

1. Jones SN, Waite R, Clements PT. An evolutionary concept analysis of school violence: from bullying to death. *J Forensic Nurs.* 2012 Mar;8(1):4-12. doi: 10.1111/j.1939-3938.2011.01121.x.
2. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *J Pediatr.* 2013;89(2):164-70. doi: 10.1016/j.jpmed.2013.03.006.
3. Organização das Nações Unidas do Brasil. Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying; 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying>. Acesso em: 9 jul. 2018.
4. Minesini E, Salmivalli C. Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions. *Psychol. Health Med.* 2017; 22(1):240-253. doi: 10.1080/13548506.2017.1279740.
5. Eaton DK, Kann L, Kinchen S, Shanklin S, Flint KH, Hawkins J, *et al.* Youth Risk Behavior Surveillance--United States, 2011. Morbidity and Mortality Weekly Report. Surveillance Summaries. *MMWR Surveill Summ.* 2012 Jun;61(4):1-162.
6. Foody M, Murphy H, Downers P, Norman JO. Anti-bullying procedures for schools in Ireland: principals' responses and perceptions. -15. *Pastor Care Educ.* 2018;3(2):1-15.
7. Gladden RM, Vivolo-Kantor AM, Hamburger ME, Lumpkin CD. Bullying surveillance among youths: uniform definitions for public health and recommended data elements. Washington, DC: Centers for Disease Control and Prevention; 2014.
8. Wolke D, Lereya ST. Long-term effects of bullying. *Arch Dis Child.* 2015;100(9):879-85.
9. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Melo FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr.* 2016 jan/fev; 92(1):32-9. doi: 10.1016/j.jpmed.2015.04.003.
10. Rivers I, Noret N. Potential suicide ideation and its association with observing bullying at school. *J Adolesc Health.* 2013 Jul; 53:S32-6. doi: 10.1016/j.jadohealth.2012.10.279.
11. Silva D, Tavares E, Silva ES, Duarte J, Cabral L, Martins C. Vítimas e agressores: manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. *Rev Port Enferm Saúde Mental.* 2017 ago; 5:57-62. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0168>
12. Burger C, Strohmeier D, Sproeber N, Bauman S. How teachers respond to school bullying: an examination of self-reported intervention strategy use, moderator effects, and concurrent use of multiple strategies. *Teach Teach Educ.* 2015; 51:191-202.

13. Silva EM, Rosa ECS. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. *Psicol Escolar Educ*. 2013 jul/dez; 17(2):329–38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a15.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.
14. Klomek AB, Snir A, Apter A, Carli V, Wasserman C, Hadlaczky G *et al*. Association between victimization by *bullying* and direct self-injurious behavior among adolescence in Europe: a ten-country study. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 2016 Nov;25(11):1183-93.
15. Modecki KL, Minchin J, Harbaugh AG, Guerra NG, Runions KC. Bullying prevalence across contexts: a meta-analysis measuring cyber and traditional bullying. *J Adolesc Health*. 2014 Nov;55(5):602-11. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.06.007.
16. Sutton T. Documentation for QGIS 1.8. Disponível em: <http://docs.qgis.org/>. Acesso em: 9 maio 2017.
17. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9a . ed. rev. São Paulo: Hucitec; 2006
18. Carvalho E, Vissoci JRN, Andrade L, Cabrera EP, Nievola JC. BNPA: Bayesian Networks & Path Analysis. R package version 0.3.2. 2018. Disponível em: <https://sites.google.com/site/bnparp/>. Acesso em: 14 jul. 2018.
19. Friedman N, Halpern JY. Data analysis with Bayesian networks: a bootstrap approach. In: Conference on Uncertainty in Artificial Intelligence, 15., 1999, São Francisco. Proceedings... São Francisco: Morgan Kaufmann; 1999. p. 196-205.
20. Fox J. Polycor: polychoric and polyserial correlations. R package version 0.7-5, 2016. Disponível em: <http://CRAN.R-project.org/package=polycor>. Acesso em: 27 mar. 2018.
21. Fellows I. Word Clouds. R package version 2.5, 2014. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=wordcloud>. Acesso em: 22 jun. 2017.
22. Olweus D. School bullying: development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol*. 2013; 9:751-80. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516.
23. Lima RF, Jager ML, Souto DC, Martins CAD, Dias ACG. percepção de professores sobre o *bullying* escolar. *Disciplinarum Scientias*. 2013; 14(2):243-54.
24. Bandeira CDM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. 2012. *Abrapec*. 2012 jan/jun; 16(1):35-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.
25. Juvonen J, Graham S. Bullying in schools: the power of bullies and the plight of victims. *Annu. Rev Psychol*. 2014; 65:159-85.
26. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva AI, Costa MR. *et al*. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol Suppl PeNSE*. 2014; 17: 131-45. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4503201400050011>.

27. Jansen PW, Verlinden M, Dommissie-van Berkel A, Mieloo CL, Raat H, Hofman A, *et al.* Teacher and peer reports of overweight and bullying among young primary school children. *Pediatrics*. 2014 Sep;134(3):473-80. doi: 10.1542/peds.2013-3274.
28. Silva AC, Costa AMFR. O papel do psicopedagogo em relação ao bullying. *Rev Psicopedag*. 2014; 31(94): 56-62.
29. Kim SK, Kim NS. The role of the pediatrician in youth violence prevention. *Korean J Pediatr*. 2013 Jan;56(1):1-7. doi: 10.3345/kjp.2013.56.1.1.
30. Tambelli R, Lagh F, Odorisio F, Notari V. Attachment relationships and internalizing and externalizing problems among Italian adolescents. *Child & Youth Services*. 2012 Aug; 34(8):1465-71. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2012.04.004>
31. Francisco MV, Libório RM. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicol Reflex Crit*. 2009; 22(2):200-207. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.
32. Majcherová K, Hajduová Z, Andrejkovič M. The role of the school in handling the problem of *bullying*. *Aggress Violent Behav*. 2014; 19(5):463-5.
33. Dake JA, Price JH, Telljohann SK, Funk JB. Teacher perceptions and practices regarding school bullying prevention. *J Sch Health*. 2003 Nov;73(9):347-55.

CAPÍTULO III

CONCLUSÕES

O estudo mostrou que:

- 1) Houve entre os entrevistados uma baixa compreensão e reconhecimento dos casos;
- 2) Os gestores mais jovens tiveram uma relação positiva com compreensão, porém não com o reconhecimento do fenômeno;
- 3) O gerenciamento se dá através do preconizado pela literatura nacional e internacional;
- 4) Os gestores possuem rede de apoio, na sustentação do manejo dos casos de *bullying*;
- 5) O médico pediatra ainda não é reconhecido como um profissional de apoio no diagnóstico e manejo dos casos e contribuição para consequências futuras;
- 6) O gestor tem uma visão sectária da atuação nos casos de *bullying*, restringindo seu gerenciamento apenas para a área da educação;
- 7) A atuação multiprofissional contribui para um melhor manejo dos casos.
- 8) Os resultados mostram que a formação inicial, bem como as pós graduações na área de educação não abordam o tema de maneira abrangente.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Os estudos sobre *bullying* ainda são recentes no Brasil. Há necessidade de outros trabalhos nesta área, buscando melhor entendimento do fenômeno *bullying* nas escolas, envolvendo professores, famílias, profissionais da área da saúde, pois permanece o desafio de colaborar com políticas de prevenção ao *bullying*.

Seria de grande valia, a realização de um estudo que envolvesse escolas particulares, estaduais e municipais, buscando avaliar a qualificação dos professores e como isso influencia na compreensão, reconhecimento e manejo dos casos de *bullying* no setor público e privado de ensino.

Novos estudos, envolvendo o manejo multidisciplinar são fundamentais para melhorar o gerenciamento dos casos. Profissionais como psicólogo, médico pediatra, professor, psicopedagogo devem atuar, cada um em sua área, porém, de forma colaborativa atingindo objetivo comum de diagnóstico precoce e condução dos casos, a fim de minimizar consequências.

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista

Dados pessoais

Nome:

Gênero:

Idade:

Tempo de na gestão da escola:

Formação profissional:

Outras áreas de atuação:

Religião:

Quantos alunos há no total na escola?

Quantos alunos por sala?

Quantos alunos período integral?

Funcionamento entrada, saída?

Intervalo todos juntos ou separado por idade?

Questões:

- 1- O que o senhor (a) compreende/entende sobre a palavra/termo *bullying*?
- 2- Com base no seu conhecimento sobre *bullying*, o(a) senhor poderia falar da sua experiência no dia a dia na escola? O senhor já vivenciou casos de *bullying* aqui na escola?
- 3- Como teve conhecimento? (Quem denunciou?)

(caso não tenha identificado, o senhor consegue identificar casos de *bullying*?) o que considerou *bullying* (ocorrência entre pares, com pessoas assistindo)
- 4- Como o senhor verifica se essas denúncias são verdadeiras ou não?
- 5- Que sinais você acredita que as crianças que sofrem *bullying* podem apresentar?

- 6- Quanto tempo você acredita que passou entre os sinais que a criança apresentou e a identificação?
- 7- Qual o perfil da criança que sofre *bullying*?
- 8- Quais locais são mais propensos a ocorrência de *bullying*?
- 9- Quais as consequências o *bullying* traz para quem sofre?
- 10- Como trabalha a questão:
 - a. Com quem sofre:
 - b. Com quem assiste o *bullying*?
 - c. Com a criança que pratica/?
 - d. Com as famílias dos que sofrem, dos que praticam, dos que observam
 - e. Com demais profissionais envolvidos (professores, monitores...)?

Obs.: se não há casos de *bullying* na escola se sabe identificar os casos o que faria se houvesse

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **ANÁLISE DAS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO GERENCIAMENTO DE CONFLITOS DO TIPO *BULLYING* PELOS GESTORES DE ESCOLAS EM MARINGÁ**, que faz parte do Mestrado do Programa de Ciências da Saúde, realizada pela Mestranda Mariá Ribas Romanio orientada pela Professora Dra. Maria Dalva de Barros Carvalho, da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar as variáveis envolvidas na administração dos conflitos do tipo “*bullying*” pelos gestores escolas municipais de Maringá. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria na forma de entrevista feita pessoalmente pela pesquisadora. A entrevista contém perguntas sobre *bullying* e seu gerenciamento. Será realizada na escola em que atua, em horário conforme disponibilidade do sujeito e do entrevistado. Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos quanto à admissão de casos de *bullying* em seu local de trabalho e seu gerenciamento. Todavia os dados fornecidos serão mantidos em sigilo, protegendo-o e à sua instituição.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. A entrevista será gravada mediante sua autorização usando gravador e após transcrição e conferência do discurso pelo senhor, a gravação será inutilizada. A identificação dos casos de *bullying* e seu gerenciamento pelos gestores de escolas municipais de Maringá irão trazer benefícios na identificação e abordagem deste evento. Após o término da pesquisa será dada devolução aos sujeitos participantes e sugestões pertinentes. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar no endereço: Av. Colombo, 5790 - bloco 126 - 87.020-900 - Maringá – PR, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. **Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.**

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e

por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof Maria Dalva de Barros Carvalho juntamente com a pesquisadora Mariá Ribas Romanio

_____ **Data:**.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Mariá Ribas Romanio declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ **Data:**_____

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Mariá Ribas Romanio

Endereço: Av. Colombo, 5790 - bloco 126 - 87.020-900 - Maringá – PR

(telefone/e-mail) PCS: 44 3011 4564 / romanio.maria@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4. CEP 87020-900. Maringá-PR. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br